



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JAMILY COSTA E SILVA**

**AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: Qual sua influência?**

**ABAETETUBA-PA**

**2022**

JAMILY COSTA E SILVA

**AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: Qual sua influência?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade Federal do Pará,  
UFPA, como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Vivian Lobato

ABAETETUBA-PA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S586a Silva, Jamily.  
Afetividade e o ensino aprendido : qual sua influência? /Jamily  
Silva. — 2022.  
28 f.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vivian Lobato  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Pedagogia, Abaetetuba, 2022.

1. Afetividade. 2. Ensino aprendizagem . 3. Educação  
infantil . I. Título.

CDD 153.15

---

JAMILY COSTA E SILVA

**AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: Qual sua influência?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade Federal do Pará,  
UFPA, como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciado em Pedagogia.

Data de aprovação: 19/07/2022

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Vivian Lobato  
Orientadora - Universidade Federal do Pará

---

Profa. Dra. Eliana Pojo  
Examinador – Universidade Federal do Pará

# AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: QUAL SUA INFLUÊNCIA?

Jamily Costa e Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tematiza a afetividade no processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de refletir sua relevância e a maneira que a afetividade influencia no processo de ensino-aprendizagem. A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa, de natureza explicativa, de cunho bibliográfico com levantamentos em Trabalhos de conclusão de curso e artigos, como também na lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), através de recurso eletrônico. Desta maneira, este estudo fornece conceitos importantes para compreensão do conceito de afetividade e sua influência na aprendizagem do aluno da Educação Infantil, dado que é um aspecto mediador para o desenvolvimento cognitivo da criança. Como resultado inicial, foi possível perceber que a afetividade é o pilar da relação professor-aluno capaz de fortalecer a prática pedagógica, e assim o aluno tenha um aprendizado eficiente. Como também, concede concepções para que os educadores conheçam seus alunos não somente no aspecto cognitivo, mas também, e principalmente, no afetivo-emocional, além do conhecimento científico, tornando a ação educativa eficaz.

**Palavras-chave:** afetividade; ensino aprendizagem; educação infantil.

## ABSTRACT

The present research proposal discusses the importance and contribution of affectivity in the teaching-learning process, with the objective of reflecting on the relevance and the way that affectivity influences the teaching-learning process. The methodology used was a qualitative research, of an explanatory nature, of a bibliographic nature, with surveys in Course conclusion works and articles, as well as in the Law of Guidelines and Bases of Brazilian Education (LDB 9394/96) and in the National Curricular Common Base (BNCC), through an electronic resource. In this way, this study provides important concepts for understanding the concept of affectivity and perspectives of its influence on early childhood student learning, given that it is a mediating aspect for the child's cognitive development, because through the study it was possible to perceive that affectivity it is the pillar of the teacher-student relationship capable of strengthening the pedagogical practice, so that the student has the scope of efficient learning. As well, it grants conceptions for educators to know their students not only in the cognitive aspect, but also, and mainly, in the affective-emotional aspect, in addition to scientific knowledge, making the educational action effective.

**Keywords:** affectivity; teaching learning; child education.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará/UFPA. E-mail: jamiilly1245@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A afetividade está na relação com a família, amigos, vizinhos, como também no meio escolar. Ela perpetua durante toda a nossa vida e bem sabemos que é de suma importância para vivermos bem e com respeito, como bem destaca Mello (2007) “A afetividade está sempre presente nas experiências vividas pelas pessoas, no relacionamento com o outro, por toda a vida, desde seu nascimento” (MELLO, 2007, p.9).

Tendo em vista que a afetividade tem um papel de grande relevância na sociedade, faz-se necessário entender como se dá essa relação de afeto em sala de aula na educação infantil, evidenciando a sua importância, tanto para os professores que atuam diretamente com os alunos, como também a família desses educandos, uma vez que a família é também responsável em educar e situar a criança na sociedade, como elucida Crisóstomo (2010) apud Piaget (1975):

é através das interações familiares que a criança forma seus primeiros juízos morais e de valor, tanto ao ser coagida e repreendida pelos pais, quanto ao receber estímulos positivos formadores dos primeiros afetos. (CRISÓSTOMO, 2010, p. 18 apud PIAGET, 1975).

Como também Mariano (2016) que enfatiza que esse processo deve ser feito de forma conjunta:

processo não se limita à influência do ambiente escolar, mas, também, sofre a influência do ambiente familiar, sendo de extrema importância que ambos caminhem em parceria para que haja um melhor desempenho do aluno, seja ele tímido, extrovertido, imperativo, autista, surdo, disléxico, dentre tantas outras singularidades. (MARIANO, 2016, p. 5)

Ademais, a afetividade delineada entre professor e aluno é algo discutido e refletido por muitos estudiosos, sendo vista como um ponto primordial para uma educação eficiente. Nesse viés, esta pesquisa abordou questões sobre a afetividade e sua influência no processo ensino aprendizagem na educação infantil, uma vez que, não podemos prever situações que podem acontecer na sala de aula, e não sabemos em primeira mão quem é o nosso aluno, por este motivo entender que o professor deve manter uma reciprocidade para o conhecimento emocional do outro e de si mesmo desde o primeiro dia de aula é de grande relevância. Ou seja, “a falta de clareza a respeito ligação entre movimento e emoção interfere, muitas vezes na relação professor – aluno”. (ROCHA, 2015 p. 12 apud ALMEIDA, 1999, p. 91).

Á vista disso, surgem alguns impasses: Como se dá a relação professor-aluno? A forma como acontece a interação entre professores e alunos no processo educativo interfere na aprendizagem? A partir daí, tomou-se a decisão de olhar aprofundando o tema e ser um tema

de pesquisa a ser investigado, com o objetivo de refletir sobre a relevância e a maneira que a afetividade influencia no processo de ensino-aprendizagem.

Para obter os resultados e respostas acerca da problematização apresentada neste trabalho, tomou-se como referência a finalidade da educação infantil segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, 9394/96) em seu artigo 29, dando ênfase no desenvolvimento integral da criança em seu aspecto psicológico, intelectual e social, conforme explicita:

Art. 29 - A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB, 1996)

Por conseguinte, com o levantamento bibliográfico, de trabalhos de conclusão de curso e artigos buscamos aprofundar conceitos para uma melhor compreensão do tema proposto, a importância e a contribuição da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Silva, Cervo e Bervian (2007), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema” (p. 61).

O estudo situa-se no método de pesquisa qualitativa de natureza explicativa com a finalidade de identificar de que maneira a afetividade ou a falta dela prejudica na aprendizagem, pois segundo Gil (2008), a pesquisa explicativa tem como objetivo primordial identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas (p. 42).

Para Minayo (1996), a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, além de responder a questões muito particulares e se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ainda segundo este mesmo autor, “as metodologias qualitativas nos induz a pensá-las [...] como uma forma de aprofundar o caráter do social” (MINAYO, 2000, p. 12).

Dessa forma, será possível compreender a relevância da afetividade no processo ensino aprendizagem, uma vez que a vida escolar será presente no decorrer da vida do educando, e a educação infantil é o ponto de partida, pois suas experiências e suas interações com o professor e com o ensino tornarão como exemplo para suas decisões futuras. Como anuncia Melo (2013):

As experiências afetivas nos primeiros anos de vida são determinantes para que a pessoa estabeleça padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções, a qualidade dos laços afetivos é muito importante para o desenvolvimento físico e cognitivo da criança. (MELO, 2013, p.7).

Como também elucida que afetividade nos anos iniciais são essenciais para o desenvolvimento do educando em relação a sua aprendizagem, pois “A relação interpessoal positiva que o aluno constrói com o professor, como aceitação e apoio, possibilita o sucesso dos objetivos educativos” (MELO, 2013, p.7).

Assim, é notório que o estudo aprofundado dos conceitos e da influência da afetividade na aprendizagem do aluno é de suma importância para o desenvolvimento pleno do aprendiz.

## **2. CONSIDERAÇÕES DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA (LDB 9394/96) E DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) tem como seu principal objetivo de resguardar o direito social e a educação a todos os brasileiros, por este motivo será analisado pontos fundamentais para compreensão da finalidade da Educação Infantil, para compreendermos os caminhos da aprendizagem tendo em vista uma educação eficaz.

No dia 20 de dezembro de 1996, a LDB foi promulgada e agora a educação infantil se torna obrigação do estado e deve ser gratuita e de qualidade, e faz parte da educação básica, assim a educação infantil passa atender crianças de zero a cinco anos, e torna-se obrigatória para o menor de quatro e cinco anos, ou seja, devem estar devidamente matriculados. Assim sendo, na seção I, art. 22, nos fornece a finalidade da Educação básica sobre a lei:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (LDB, 1996)

Á vista disso, a educação básica necessita desenvolver o aluno, não apenas cumprindo tempo escolar, mas sim capacitar o educando para o mundo externo, oferecendo também meios para que possa expandir-se. E em seu artigo 29, onde apresenta a finalidade da Educação infantil abrange o desenvolvimento que esse estudante deve obter. Sobre a lei:

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB, 1996)

Assim, o desenvolvimento que o educando dever atingir é o desenvolvimento integral, como bem citado no artigo 29, em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, e ainda saliente mais, a família e a comunidade como órgão importante para o progresso ter a sua finalidade alcançada, o que é possível captar que as relações com o meio são essenciais e naturais, ou seja, elas fazem parte do mundo em que vivemos, e são essas relações que irão garantir o bom êxito da finalidade também evidenciada.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que se trata de “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p.7) enfatiza sobre o desenvolvimento integral da criança tendo considerando que “independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea” (BRASIL, 2018, p. 14).

Enfatiza também a questão das relações e interação que ocorrem em nosso meio e como são importantes para o pleno desenvolvimento do menor.

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. (BRASIL, 2018, p. 40)

Desse modo, as interações são necessárias, e examinando sua função que tem o papel de contribuir para o crescimento intelectual e personalístico, é notória a relevância que se deve dar, pois a forma como nos relacionamos, como mantemos o convívio tanto no âmbito familiar e quanto no escolar, fazem com que a criança entenda o mundo, crie suas próprias concepções e seus próprios questionamentos.

Isto posto, no momento em que as escolas levam em consideração as experiências do aluno, como aquelas que acontecem no ambiente familiar, para que através dessas experiências possam expandir o aprendizado do educando, estão facilitando a aprendizagem e possibilitando novas competências, atuando assim de forma adicional a família.

ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas

pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças. (BRASIL, 2018, p. 38).

Ademais, como bem salienta a DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil) que tem por finalidade auxiliar na organização pedagógica, onde diz que a criança é “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2010, p.12).

Além do mais a BNCC salienta que o educando tem o direito de expressão, isto é, essa interação deve ser espontânea, onde a criança pode expor seus sentimentos e emoções por várias alocações.

Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens. (BRASIL, 2018, p. 38).

Como também destaca mais cinco outros direitos de aprendizagem e desenvolvimento que a criança tem, como o direito a conviver, brincar, participar, explorar e conhecer-se. Sobre o direito de conviver:

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas. (BRASIL, 2018, p. 38)

A convivência permite grandes aprendizados na maneira em que o aluno conhece a cultura do outro, por isso é importante atividades e projetos que levem o educando a diferentes grupos, para observarem os costumes e aprenderem a lidar com o próximo entendendo que somos diferentes, assim irá ampliar o conhecimento que esse aluno tem sobre si e o outro.

Sobre o direito de brincar:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2018, p. 38)

A brincadeira além de fazer parte da vida das crianças, tem sua relevância na hora de aprender, pois através dela a criança obtém aptidões como citado acima, a sua criatividade amplia, como também a sua visão de mundo, pois aprendem a respeitar o próximo, a seguir

regras, além de suas funções motoras que aguçam, possibilitando melhores condições de aprendizagem.

Sobre o direito de participar:

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando. (BRASIL, 2018, p. 38).

Como vimos anteriormente, se a criança tem direito a brincar, conseqüente tem direito de participação, nos seus gostos em relação à brincadeira, como também no planejamento da gestão escolar mencionado. Assim, não podemos deixar de lado a quem a educação infantil está direcionada, a sua participação nesse processo é o que faz a aprendizagem no fim ser eficaz, é a sua participação nas atividades, nos momentos de socialização, nos encontros que a escola proporciona para esse aluno ter contato direto com outras culturas, em todas as ocasiões que se permite a participação que o docente obtém seu posicionamento e obtém ainda mais conhecimento.

Sobre o direito de explorar:

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BRASIL, 2018, p. 38).

É comum impedirmos a criança a fazerem algumas coisas, até porque o menor não consegue distinguir muito bem o que é perigoso, mas é através das suas descobertas que conseguirá compreender o mundo em vive, sentindo as emoções de medo, dúvida, tristeza em não conseguir alcançar alguma coisa sabendo que gostaria muito, a insatisfação em desejar algo pra comer e saber que não é tão bom quanto pensava, dispondo de ótimas oportunidades de instrução.

Assim, a exploração que a criança tem por direito, alarga seus saberes, e a escola propiciando o contato com as artes, ciências e tecnologia, intensificam ainda mais suas inteligências.

Sobre o direito de conhecer-se:

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2018, p. 38).

A criança tem o direito de se conhecer, ou seja, ter a sua própria personalidade, ter suas próprias suposições, entender o mundo de acordo com o que questiona, e cabe à escola proporcionar esse ambiente, para que a criança tenha a possibilidade e oportunidades de refletir e pensar.

Portanto, todo o processo de crescimento que o aluno tem, não deve ser involuntário, para garantir todos os seis direitos que são citados, a organização escolar deve ser voltada para práticas de ensino que possam garantir a evolução do educando.

não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BRASIL, 2017, p. 18).

A BNCC também destaca cinco campos de experiências, sendo estes: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Sobre “o eu, o outro e o nós” a BNCC diz:

é na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. (BRASIL, 2018, p.40).

Contudo, esse campo de experiência evidencia que a criança deve saber que há a diferente entre ela e o outro, bem como saber que além dele e o outro, existe o nós, e para conhecer mais sobre as individualidades, nada melhor do que conhecer as vivências e as experiências de cada indivíduo, por este motivo que a BNCC elucida que “na Educação Infantil, é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas” (p. 40) pois assim entenderão a valorização e identidade própria e do outro.

Sobre “o corpo, gestos e movimentos”:

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. (BRASIL, 2018, p. 40-41)

Assim, o corpo nesse campo de experiência é um meio para a aprendizagem ser eficaz, pois através do contato que há nas brincadeiras, nos movimentos, traz ao conhecimento da criança o que pode ser perigoso ou não, suas limitações e suas habilidades, em decorrência disso a BNCC informa que “a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para

que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo” (BRASIL, 2018, p. 41) pois com isso possibilitará as mais variadas formas de funções e sensações do seu corpo.

Sobre “traços, sons, cores e formas”:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. (BRASIL, 2018, p. 41)

Portanto, nesse campo de experiência é declarado que o educando necessita experienciar as mais diversas manifestações artísticas, culturais e científicas como bem esclarece o trecho, para que o aluno possa se exteriorizar por diferentes linguagens, por esse pretexto a BNCC alega que “a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas.” (BRASIL, 2018, p. 41).

Sobre “Escuta, fala, pensamento e imaginação”:

Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. (BRASIL, 2018, p. 42)

Sendo assim, esse campo de experiência demonstra que a comunicação não está somente na fala, mas por meios de interações que a criança utiliza para manter contato com as pessoas ao seu redor, por essa razão a BNCC explana que “na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.” (BRASIL, 2018, pg 42).

Sobre “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”:

As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. (...) Demonstram também curiosidade sobre o mundo físico, seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc. (...) Além disso, nessas experiências e em muitas outras, as crianças também se deparam, frequentemente, com conhecimentos matemáticos. (BRASIL, 2018, p. 43)

Desse modo, é presumível notar nesse campo de experiência as inúmeras formas que vemos em nosso dia a dia em relação a espaço, tempo, quantidade, etc. e para criança é algo muito novo, logo ela tem bastante curiosidade, uma excelente oportunidade para o aprendizado, em efeito disso a BNCC emite que “A Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano.” (BRASIL, 2018, p. 45).

Assim é possível constatar que a Educação Infantil tem um papel importantíssimo na vida escolar e na construção da identidade dessa criança. Assim, as atividades e programas que a escola proporciona devem ser muito bem pensados levando em consideração cada direito do educando, então conhecer as garantias e conhecer quem é o aluno da educação infantil faz essa tarefa mais competente.

Logo, o professor que tem acesso direto ao aluno, deve ter muitas habilidades para dar “conta do recado”, desse modo conhecer qual o seu papel e o significado da sua prática é preciso. Dessarte, a LDB apresenta algumas incumbências para o docente da educação infantil, como será observado na seção seguinte.

## 2.1 INCUMBÊNCIAS DO DOCENTE

Para exercer a função de educador na educação infantil, apesar de tudo, deve ter compromisso com a missão de lapidar o aluno e empenho na sua formação, ter respeito e ser bastante atento e observador, pois afinal de contas estará lidando com diversas crianças, e cada criança possui suas próprias singularidades.

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. (BRASIL, 2017, p. 18).

Segundo a LDB os professores possuem seis incumbências, sendo a primeira:

I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

Isto posto, o professor não deve ficar de fora das decisões no momento de construção do PPP da rede de ensino, pois a escola é apenas o estabelecimento de instrução, mas o realizador das atividades em sala é o professor.

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

Portanto, o professor além de participar da elaboração ele tem o dever de colocar em prática, desenvolvendo a atividade que foi proposta, como em alguns casos, com ou sem recursos, pois na maioria das vezes o professor para cumprir o seu papel com Excelência tem de arcar com gastos desses recursos, tirando do seu próprio bolso.

III - zelar pela aprendizagem dos alunos;

Outrossim, é crucial que o professor coloque a aprendizagem do aluno em primeiro lugar, pois ter conhecimento no assunto que está instruindo não quer dizer que somente isso vai fazer o aluno aprender. Mas ter o conhecimento e ter a sabedoria de observar e se atentar as limitações pessoais ou sociais, e as possibilidades de aprendizado de cada educando.

IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

A vista disso, todo professor deve elaborar planos para que aquele aluno que está com baixo rendimento possa continuar caminhando para a sua formação. É comum vermos alunos simplesmente serem passados de série se ao menos a escola ter o cuidado com o educando e se importar em construir métodos para que o aluno evolua.

Contudo o que foi exposto, o papel do professor é de suma importância e cabe a ele e a toda a organização escolar se atentar para melhorias do aprendizado, para que cada aluno alcance seu desenvolvimento integral.

### **3. ALGUMAS DEFINIÇÕES DE AFETIVIDADE**

A afetividade acompanha diversas definições, todavia, sempre de acordo com o campo de estudo que a define. Seu conceito é bastante discutido entre os estudiosos, como também a sua relação com o ambiente escolar e suas influências na vida do homem.

Entretanto, segundo o dicionário, afetividade é um conjunto dos fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões etc.). (AFETIVIDADE, 2022). Ou seja, nada mais é que a agregação de todas as experiências emocionais do ser humano.

Segundo Riciolli (2020) “A afetividade é um conjunto de reações e ações por meio de que se manifestam as emoções, sejam estas prazerosas ou não. Assim, nas relações com os adultos, as crianças evidenciam sua afetividade de maneira negativa ou positiva. No âmbito das relações negativas, temos o medo e a raiva; já as relações positivas temos o amor e a alegria. Porém, isso tudo dependerá da relação que o adulto estabelecer com a criança seja na escola ou na família.” (RICIOLLI, 2020, p.10)

Posto isso, a afetividade aqui posta, trata-se de um agrupamento de sentimentos que com eles acompanham comportamentos, ou seja, do pensamento a prática, na mesma linha de pensamento de Bezerra (2006, p. 21) que traz um conceito dado por Codo e Gazzotti (1999) cuja afetividade é um “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou de tristeza”.

Como isso, foi concebível entender, que a afetividade não são meros conceitos, pois através do aspecto afetivo temos impulsos, impulsos bons e ruins, que nos fazem experienciar a nossa vida familiar como também escolar, na maneira que sentimos as coisas ao nosso redor, e vão fazer grandes diferenças, principalmente do âmbito em escolar.

Para Galvão (2014) “No bebê, os estados afetivos são. Invariavelmente, vividos como sensações corporais, e expressos sob a forma de emoções. Com a aquisição da linguagem diversificam-se e ampliam-se os motivos dos estados afetivos, bem como os recursos para sua expressão.” (GALVÃO, 2014, p.62).

Assim, o aspecto afetivo sofre variações no decorrer da vida humana, na medida em que a criança dispõe de novas formas de linguagem, a sua interação e sua forma de expressão tende a mudar. e “Ao longo do desenvolvimento, a afetividade vai adquirindo relativa independência dos fatores corporais.” (GALVÃO, 2014, p. 62).

De acordo com o autor Riciolli (2020) apud Giancaterino (2007), diante do processo da educação, o desenvolvimento não acontece de forma isolada, mas se constitui juntamente com professores e educandos, visto que, é por meio da interação e da criação de vínculo, que acontece a cooperação de ambas as partes, construindo e se acomodando dessa forma, a aprendizagem (RICIOLLI 2020, p. 10-11 apud GIANCATERINO 2007)

Logo, a afetividade se dá através da interação, e no ambiente escolar há vários momentos de socialização, como no período das atividades, em trabalho em grupo, no recreio, ocasiões é o que não faltam, e aproveitá-los entendendo sua importância e o papel no desenvolvimento do aluno, tende a facilitar a aprendizagem.

Para La Taille (1992) apud Piaget “A afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. Neste caso, não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a razão contra a afetividade é problemático porque então dever-se-ia, de alguma forma, dotar a razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia” (LA TAILLE, 1992, p.65 e 66).

Desta maneira, Piaget conceitua afetividade levando em consideração a razão, para salientar que a afetividade é o agir do homem, são suas atitudes, seu comportamento, ou seja, afetividade é ação como o autor bem menciona. Piaget faz uma relação para demonstrar a contrariedade de ambos, enquanto Vygotsky conceitua a afetividade fazendo uma relação de indissociação.

Para Vygotsky, o aspecto afetivo não deve ser estudado ou analisado isoladamente, pois os aspectos afetivos e intelectuais andam juntos, ou seja, para o entendimento do seu processo de desenvolvimento devem ser examinados juntos, como relata La taille (1992) apud Vygotsky (1990) "os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas" (LA TAILLE, 1992, pg. 76 apud VYGOTSKY, 1990, p. 65).

E salienta mais, evidenciando a “existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem. Mostra que cada ideia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere. Permite-nos ainda seguir a trajetória que vai das necessidades e impulsos de uma pessoa até a direção específica tomada por seus pensamentos, e o caminho inverso, a partir de seus pensamentos até o seu comportamento e a sua atividade” (LA TAILLE, 1992, pg. 77 apud VYGOTSKY, 1989, pp. 6-7).

De acordo com tudo o que foi exposto, a afetividade são sentimentos que se tornam prática, e essa prática traz benefícios para o progresso do ser humano desde o início da sua vida, uma vez que é nas interações que formamos o nosso eu, e como as interações fazem parte da nossa existência, a afetividade se torna crucial para uma boa convivência e fundamental para o nosso desenvolvimento intelectual e cognitivo.

#### **4. CONTRIBUIÇÕES DE WALLON**

A proposta de Wallon, ou seja, sua visão de desenvolvimento que perpassa pelas dimensões motoras, afetivas, e cognitivas, considerando as emoções como principal meio na

construção do psiquismo, assim torna-se primordial sua proposta para compreendermos a importância da afetividade no desenvolvimento da criança.

Wallon preconiza cinco etapas no desenvolvimento da personalidade, que são divididas em cinco estágios e cada um possui características que se completam com as anteriores se resignificando.

O estágio 1, impulsivo-Emocional (0-1 ano) “O primeiro ano de vida da criança é predominantemente afetivo e é por meio da afetividade que a criança estabelece suas primeiras relações sociais e com o ambiente. Os movimentos do bebê, de início, são caóticos mas as relações que estabelece, gradualmente permitem que a criança passe da desordem gestual às emoções diferenciadas”

Visto isso, é por meio da afetividade que a criança tem seu primeiro contato social, ou seja, por meio da emoção ela atinge o outro para obter algo, pois somente assim a criança consegue o que deseja, uma vez que, é totalmente dependente, e é através dos seus gestos, contato corporal, que vai a fazer manter uma comunicação com o mundo ao seu redor.

O Estágio 2, (1-3 anos) Sensório- motor e projetivo, “Esse estágio se estende até por volta dos 3 anos de idade e tem predomínio das relações exteriores e da inteligência. Esta é eminentemente prática e, uma vez que os campos funcionais são indissociáveis, o pensamento via de regra se projeta em atos motores. Nesse período, destacam-se os aspectos discursivos que, por meio da imitação favorece a aquisição da linguagem”

Sendo assim, é onde se inicia os interesses do pequeno, que ocorre o aprimoramento da compreensão do mundo externo. Como o autor elucida, através da imitação, do pensamento se dá aos atos motores e a fala, processo esse de grande importância para o entrosamento da criança com o meio.

O estágio 3 (3-6ano) Personalismo, “Refletindo a característica pendular do desenvolvimento, nesse estágio há predomínio da afetividade. Estendendo-se até aos seis anos de idade, nesse período, forma-se a personalidade e autoconsciência do indivíduo, muitas vezes refletindo-se em oposições da criança em relação ao adulto e, ao mesmo tempo, com imitações motoras e de posturas sociais.”

Dessa forma, é nesse estágio que a criança vai construindo sua própria autonomia, fazendo o que lhe agrada, não somente o que seus cuidadores lhe propõem, assim é possível perceber grandes oposições em relação aos seus pais, como em não querer parar de jogar pra ir dormir, continuar assistindo tv e não fazer o dever, em outras palavras, a criança começa a pensar que sabe o que está fazendo, que já entende e não precisa de segundas opiniões.

O estágio 4 (6-11anos) Categorical, “Mais uma vez predominando a inteligência e a exterioridade, no estágio categorial, que se estende até por volta dos onze anos de idade, a criança passa a pensar conceitualmente, avançando para o pensamento abstrato e raciocínio simbólico, favorecendo funções como a memória voluntária, a atenção e o raciocínio associativo”.

Isto posto, é nessa fase como o nome bem diz “categorial”, que a criança começa ordenar por categorias, ou seja, ela começa a separar a si mesmo do outro, conseguindo assim agrupar e separar todas as coisas e pessoas, adquirindo com isso a atenção e o raciocínio associativo como bem informa o autor.

O quinto e ultimo estágio (a partir dos 11 anos) Adolescência, “as transformações físicas e psicológicas da adolescência acentuam o caráter afetivo desse estágio. Conflitos internos e externos fazem o indivíduo voltar-se a si mesmo, para auto afirmar-se e poder lidar com as transformações de sua sexualidade.”

Desta forma, é nesse momento que há uma reconstrução, pois são muitas transformações, e essas modificações físicas levam o individuo a ressignificar sua personalidade, seu modo de agir e pensar, influenciando também no conceito que tinham de afeto.

A vista disso, esses estágios que wallon elucidada, nos permite entender que cada fase tem suas peculiaridades e que cada peculiaridade faz parte de um processo para o desenvolvimento de cada criança, para que o pequeno possa construir sua personalidade. Assim, os educadores, na maneira que entendem seus comportamentos, faz a relação ter mais respeito e cuidado, criando laços afetivos, uma vez que, não se trata mais de birra, contradições ou gritarias, como na maioria dos casos em que as situações afetivo-emocionais das crianças acontecem, são vistas como birra e interpretadas de forma negativa, mas sim de oportunidades para aprendizado daquele aluno, na medida em que se entende o aluno que tem, que a aprendizagem se torna um caminho menos tortuoso, pois é possível saber por onde está caminhando.

Apesar de Wallon citar cinco estágios para o desenvolvimento, é importante esclarecer que para o autor “o desenvolvimento não se encerra no estágio da adolescência, mas permanece em processo ao longo de toda a vida do indivíduo” P.36.

Ademais, é possível notar que a afetividade para Wallon é indispensável nesse progresso de entendimento do sujeito. Segundo Alexandroff (2012) Apud Wallon (1968) a emoção oscilaria entre duas formas de relação do homem com o meio. A primeira, a motricidade emocional, permite a reação às situações externas, utilizando-se de movimentos

apropriados, auxiliando a criança no seu relacionamento com o meio físico e social. A segunda, a sensibilidade emocional, permite conceituar o mundo físico internamente, através da representação, transformando-o conforme as necessidades do sujeito ou de seu grupo. Portanto, segundo Wallon (1968) "[...] é a emoção que dá o tom ao real. Mas, inversamente, os incidentes externos adquirem quase seguramente o poder de desencadear." (ALEXANDROFF, 2012, p. 3 apud WALLON, 1968, p. 148)

Como também Bezerra (2006) apud Wallon (1968) que diz que para o autor “o ato motor no ser humano garante desde o início a função de expressão da afetividade (por meio dos gestos, expressões faciais e agitação corporal). Essa atividade expressiva, possibilitada pela atividade motora, regula, modula e produz estados emocionais. (BEZERRA, 2006, p. 37)

Segundo Riciolli (2020) apud Wallon (1989)

A afetividade, com esse sentido abrangente, está sempre relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo. A afetividade se desenvolve, podendo ser identificada, em duas etapas, sendo a primeira de base mais orgânica, e a outra de base mais social. Quando os motivos que provocam os estados de bem-estar e mal-estar, já não são limitados às sensibilidades íntero, próprio e êxtero, mas já envolvem a chamada sensibilidade ao outro, a afetividade passa para um outro patamar, já que de base fortemente social. Assim a afetividade evolui para uma ordem moral e seus motivos são originados das relações indivíduo-outrem, sejam relações pessoais ou sociais (RICIOLLI, 2020, pg. 33 apud WALLON, 1989, pg. 53).

Além do mais, apesar da emoção ter origem orgânica, a emoção não é desencadeada ou desenvolvida pelo meio orgânico. É a interação do ser humano com o meio que desenvolve a pessoa em todos os seus aspectos, para Wallon (1968) as capacidades biológicas são as condições de vida em sociedade, mas o meio social é a condição do desenvolvimento dessas capacidades.

Bezerra (2006) Saliente que para Wallon a emoção permanece em um lugar favorecido nas suas concepções psicogenéticas, pois para sobrevivência da ser humano é fundamental a emoção, como também a afetividade, uma vez que é por ela que as emoções se exteriorizam.

Diante disso, somos seres integrais, dotados de sentimentos, emoções, pensamentos e experiências, que fazem de nós seres únicos e especiais, e entender que cada criança é diferente da outra, que os contextos são dissemelhantes, faz entendermos o quanto a emocional deve ser olhado de forma importante para o desenvolvimento, uma vez que, os professores têm decisiva influência em como os seus alunos irão viver e experenciar determinadas situações. Sendo significativo que eles conheçam seus alunos não somente no aspecto cognitivo, mas também, e principalmente, no afetivo-emocional.

Assim sendo, a interação que a criança tem com o meio, com seu cuidador, com o mundo exterior permite sua evolução nas funções cognitivas, como também o estágio motor que faz com que essa evolução cognitiva se torne prática, onde a criança se expressa através de seus gestos.

Por fim, Wallon elucida que tudo que envolve a criança deve ser examinado de acordo com o meio que ela tem seu pleno desenvolvimento como destaca bezerra (2006, pg.21) apud Wallon (1982) “O estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo”. (WALLON, 1982, p.189).

## **5. COMO SE DÁ A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Em uma sala de aula acontecem diversas situações, uma delas são os conflitos, e conflitos acontecem desde um pequeno empurrão que foi dado sem perceber, até em conversas entre professor e aluno, quando um comentário dito foi mal interpretado. Sabendo disso, que cada dia é diferente do outro, como se dá a relação professor aluno em um ambiente que a interação é inevitável e que conflitos acontecem diariamente, como o professor deve manter essa relação?

Visto isso, para Mello (2007), existem alguns aspectos que devem ser levados em consideração:

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais. (MELLO, 2007, pg.9)

Os docentes devem expressar sempre que possível que o papel que lhe foi atribuído em sala de aula é repassar o conhecimento científico como também preparar o aluno para sua vida cidadã, assim fazer com que essa relação seja a mais saudável possível, respeitando a opinião. e os limites do educando.

Segundo Almeida (2012) a afetividade que é mais comum de ser interpretada, no caso é o contato físico, o abraço, o beijo, não deve permanecer apenas nesse campo, e sim ter uma evolução, com novas formas de expressão, como passar para criança a sua importância, que é bem acolhida, que a sua opinião importa, e que ela pode e será ouvida.

A afetividade tem uma evolução, assim como a inteligência, o que exige um refinamento nas trocas afetivas. Se no início do desenvolvimento a afetividade é alimentada quase que exclusivamente pelo contato físico (...), com o advento da função simbólica, a afetividade se enriquece com novos canais de expressão. (ALMEIDA, 2012, pg. 346).

Assim quem irá desempenhar esse papel de segurança, acolhimento e que vai ouvir essa criança em ambiente familiar é a família e em sala de aula é o professor, pois a criança precisa dessa atenção e é o adulto que vai lhe garantir, Pois como Almeida (2012) elucida que “a atenção que a criança exige não é tanto de contato físico, mas precisa da atenção do adulto para lhe oferecer condições para conhecer o mundo, apresentando estímulos que respeitem suas possibilidades” (ALMEIDA, 2012, p. 346).

Contudo, vale ressaltar que “Um educando aprende o que é respeito e respeita a partir do momento em que vê o educador como um amigo que tem e espera respeito, como alguém que se preocupa de verdade com ele e que lhe mostra os caminhos” (MELLO, 2007, pg. 9). Ou seja, que lhe dá possibilidades de conhecimento sem “empurrar” para ir mais rápido, mas respeitando suas limitações e **dúvidas**, que o repreende de na hora e de forma certa, como ressalta Mello (2007) “Todo ser humano precisa de limites, mas de carinho e amor também.”

Assim, a relação de afeto não quer dizer que o professor deve ser o tempo todo sorridente, apenas deixar o aluno fazer o que vier em sua mente sem o repreender em atitudes não boas. Todavia o professor como bem mencionado durante o texto, tem o papel de formar esse educando para sociedade, então o docente deve ser hábil para situações de admoestação, como HIRAMA (2002) diz: “cabe ao professor estar atento às manifestações de seus alunos e preparado para interferir de maneira adequada e eficiente.” (HIRAMA, 2002, p.266).

Desta maneira, o docente tem a liberdade de intervir, contanto que seja para lhe acrescentar saberes, até mesmo em situações como em brincadeiras que são feitas no intervalo ou em sala de aula, que a criança apresentou comportamento agressivo ou desrespeitou seu colega, como também elucida Nunes e Jesus (2015).

Destaca-se que o professor atua como mediador do conhecimento e possui papel relevante no desenvolvimento integral da criança. Cabe a ele, portanto, ter um olhar crítico e compreensivo sobre os comportamentos das crianças, questionando-as, pedindo explicações (...) de suas atitudes durante as brincadeiras, levando-as a refletirem se agiram corretamente. (NUNES; JESUS, 2015, pg. 310)

Rocha apud Almeida (1999) ressalta que o professor deve sempre observar com muita atenção as reações posturais da criança, levando em consideração as situações emotivas no contexto da sala de aula, pois a falta de movimento ou o exagero representa uma emoção que deve ser melhor compreendida, principalmente nas series iniciais, na qual é comum práticas de contenção dos movimentos, visto que para muitos professores:

O movimento é sinônimo de desatenção, e como a atenção é necessária, passa-se a eliminar ao máximo os movimentos, em alguns casos chegando ao ponto de considerar que se resolve a situação da aprendizagem pela exclusão das crianças que ameaça sua concentração. Em virtude de interferir nas atividades das crianças e, conseqüentemente nas relações com os outros, o movimento, geralmente é interpretado como indisciplina. As crianças mais agitadas exaurem os adultos, sendo a inquietação na sala de aula motivo de irritação. (ROCHA, 2015 p. 13 apud ALMEIDA, 1999, p.90)

Diante disso não tem como prever as situações emocionais que podem acontecer na sala de aula e por este motivo o professor deve manter uma reciprocidade para o conhecimento emocional do outro e de si mesmo desde o primeiro dia de aula. “A falta de clareza a respeito ligação entre movimento e emoção interfere, muitas vezes na relação professor – aluno”. (ROCHA, 2015 p. 12 apud ALMEIDA, 1999 p. 91).

A este respeito, convém evidenciar, que a organização curricular da Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) está organizada em cinco campos de experiências, nos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, sendo um deles “corpo, gestos e movimentos” em que a escola deve criar oportunidades lúdicas, pois por meio das diferentes formas de expressão, elas se expressam e se comunicam tanto com a linguagem quanto com o corpo e com as aqui destacadas, as emoções.

Desta maneira, Rocha apud Almeida (1999) aponta que o movimento não deve ser interpretado de forma errônea, visto que a criança se expressa corporalmente, tanto nas suas emoções, quanto em suas aprendizagens. Neste contexto, nem sempre o movimento deve ser compreendido como desatenção, o professor precisa estar atento à linguagem corporal e seus possíveis significados.

Assim, podemos constatar que a relação professor aluno é mais que uma relação que acontece em sala de aula, pois estamos lidando com sentimentos, são interações que a criança vai carregar durante toda a sua vida, que vão influenciar suas decisões e o modo como ver a vida ao seu redor. O afeto que deve existir entre ambos deve acontecer e de maneira que traga benefícios.

Deste modo, como afirma Melo (2013, p.7) que “As experiências afetivas nos primeiros anos de vida são determinantes para que a pessoa estabeleça padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções, a qualidade dos laços afetivos é muito importante para o desenvolvimento físico e cognitivo da criança” por este motivo que afetividade deve ser muito bem experienciada, pois é nessa interação saudável, “A relação interpessoal positiva que o aluno constrói com o professor, como aceitação e apoio, possibilita o sucesso dos objetivos educativos” (MELO, 2013, p. 7)

Ademais, uma forma que o docente tem para que essa criança possa se expressar, e assim dar oportunidade desse educando de exteriorizar suas emoções, é através de desenhos, uma vez que, a criança, principalmente nos anos iniciais não costumam e não são tendenciosas a se expressarem muito com a fala, como salienta Nunes e Jesus (2015):

A literatura científica tem demonstrado o quanto os desenhos e as brincadeiras, na primeira fase de escolarização, são de suma importância para que as crianças possam se expressar emocionalmente, considerando que elas apresentam grande dificuldade de expressar verbalmente seus sentimentos. Assim, é fundamental compreender modos alternativos de sua manifestação, e as brincadeiras, juntamente com os desenhos, podem ser de grande importância para a observação dos docentes. (NUNES; JESUS, 2015, pg.309)

Por tanto, diante do exposto, o pilar da relação professor-aluno deve ser a afetividade, bem como para fortalecer a prática pedagógica, assim o aluno tem alcance de um aprendizado eficiente.

a afetividade é essencial tanto para a relação professor-aluno, como para o método pedagógico, pois um professor afetivo com seus alunos consegue manter uma relação segura evitando bloqueios afetivos e cognitivos, favorece o trabalho socializado e ajuda o aluno a superar erros e a aprender com eles.” (CRISÓSTOMO, 2010, pg.17).

## **6. IMPLICAÇÕES DA FALTA DE AFETIVIDADE**

Manter uma boa relação com o outro não é umas das tarefas mais fáceis, pois estamos lidando com pessoas que são diferentes e possuem pensamentos diferentes ao nosso. Quando há comunicação entre ambos e quando se permitem entender a opinião alheia já se torna bastante desafiador, ainda mais em condições que não há o diálogo, onde o respeito não é recíproco.

Contanto, em ambientes escolares situações como essas podem fazer diferenças e vão trazer mudanças no clima colegial e no desenvolvimento desses alunos, quando não há a afetividade necessária, como destaca Vasconcelos (2005), "as dificuldades afetivas provocam adaptações sociais e escolares, bem como perturbações no comportamento, o cuidado com a educação afetiva deve caminhar lado a lado com a educação intelectual" (VASCONCELOS, 2005, p.3).

Visto isso, que o comportamento da criança pode ser alterado de acordo com suas relações, como também afirma Britto e Elias (2009) apud Staats (1996) que a emoção afeta o seu estado comportamental, o modo como uma pessoa sente afeta o que ela faz. Assim, a condição sentida pode adquirir funções estimuladoras e exercer controle discriminativo sobre os comportamentos subsequentes. Por conseguinte, sendo as emoções de tristeza, raiva, diminuição, entre outras emoções caracterizadas como emoções “ruins”, logo ocasionará

comportamentos “ruins” nas crianças, como por exemplo: desrespeito ao professor, agressividade, pronunciamento de palavras torpes, etc.

Ademais, esse comportamento inadequado com o outro, “as atitudes agressivas das crianças favorecem o surgimento de problemas nos relacionamentos sociais e afetivos, na aprendizagem, entre outros, levando a criança a ser rejeitada no convívio social.” (NUNES; JESUS, 2015, p.315) Ou seja, gera um ciclo vicioso, onde a agressividade impede a afetividade e a afetividade não acontecendo gera mais comportamentos mais violentos e impede a criança de ter uma aprendizagem eficaz. pois as crianças é “ao interagirem e criarem os vínculos afetivos, desenvolvem suas habilidades sociáveis e tornam-se simpáticas e populares, o que favorece a elevação da autoestima, contribuindo, dessa forma, no processo de aprendizagem” (NUNES; JESUS, 2015, p.315 )

Em função disso, o ambiente escolar além de proporcionar o desenvolvimento intelectual, deve se importar com o desenvolvimento afetivo também. Pois como foi possível conceber que ambos devem andar juntos. Com isso, o aspecto afetivo começa notoriamente pela interação, ou seja, o diálogo, pois é dessa maneira que conhecemos e começamos as interações, dessa forma o diálogo pode ser o ponto principal para um bom relacionamento, pois é no diálogo que temos a oportunidade de entender o pensamento da criança, isto é, quais seus anseios, medos, suas fragilidades, como relata La Taille (1992, pg. 28 apud VIGOSTYK 1989, pg. 130).

Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras -- temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente -- também é preciso que conheçamos a sua motivação. Nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de se ter atingido esse plano (LA TAILLE, 1992, pg. 28 apud VYGOTSKY, 1989, p. 130).

Por conseguinte, Paulo freire em pedagogia da autonomia, também destaca a importância do dialogo e do saber escutar:

escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um [...] significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gosto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escutar, mas auto-anulação (FREIRE, 1997, p. 135).

A vista disso é relevante destacar quando o autor fala “disponibilidade”, pois disponibilidade requer tempo, e como usufruir de tempo com todos os alunos que compõem uma sala de aula? Considerando que a carga horária de um professor é relativamente alta, então na maioria das vezes o não escutar parte desse pressuposto como expõe Lima (2017):

às vezes por algum motivo, o docente não escuta o discente por simplesmente não ter tempo, levando em consideração que a demanda dos docentes é consideravelmente muito grande. Essa prática é importante porque uma vez que um aluno precise de um tempo, por exemplo, para tirar dúvidas, o professor tendo um momento com este aluno e com paciência ele verá quais dificuldades ele possui para que possa trabalhar em cima disso. (LIMA, 2017, p. 4).

Ademais, de acordo com o estudo, a afetividade no ambiente escolar carrega consigo benefícios e não malefícios, pois o aspecto afetivo traz confiabilidade, e até mesmo os alunos que são mais tímidos tem a possibilidade de se comunicarem mais e de se expressarem, e é nesse momento que a relação do professor com o aluno se torna essencial para o desenvolvimento dessa criança tímida, e “se as interações produzem intervenções significativas no desenvolvimento do ser, tem-se a possibilidade de que o professor ajude na formação de crianças menos tímidas e mais seguras, visto que a timidez não é uma dificuldade de aprendizagem, mas sim um problema de convívio social” (LIMA, 2017, p. 6).

A vista disso, as crianças mais tímidas não costumam apresentar comportamentos maus e rendimento baixo na sua vida escolar, todavia, o conhecimento que poderia ser agregado a mais não acontece, pois quando a mesma tem uma dúvida, nem levantar a mão consegue, pois em sua cabeça já imaginou várias situações que poderiam acontecer se assim efetuasse esse gesto, logo, sua dúvida não será tirada.

A criança tímida, para sua própria segurança, tende a ser dedicada aos estudos, a fazer as atividades, a ler mais, entretanto, ainda assim, ela precisa ser desafiada pelo educador, tanto em relação à aprendizagem quanto em relação ao amadurecimento dos seus relacionamentos no contexto escolar. (MARIANO, 2016, p.8)

Entretanto, a timidez pode atrapalhar a aprendizagem desse aluno, e o professor tem um papel de suma importância nesse momento, para lhe garantir que a dúvida que ele tem é importante e que não precisa ter medo ou inseguranças na hora de perguntar, o que pode afetar sua aprendizagem, pois segundo tal “a timidez dá sinais desde a infância e prejudica tanto no processo de aprendizagem quanto no de socialização com os colegas de escola.” (MARIANO, 2016, p.7).

A criança tímida tende a se isolar por medo de situações constrangedoras que a intimidam e ela, então, tende a ter dificuldade de acreditar em si mesma. Entretanto, sabe-se que a linguagem e as relações sociais são imprescindíveis para o desenvolvimento e a humanização da criança no âmbito escolar e no processo de aprendizagem. (MARIANO, 2016, p. 6-7)

Portanto, a afetividade tem uma função desenvolvedora na medida em que constrói a inteligência emocional do educando e que o impulsiona na aprendizagem. A sua falta gera falta, ou seja, o educando tem problemas na aprendizagem, no seu convívio social por não se sentir acolhido e por não sentir confiança, e acaba não sendo disposto da interação que é

quase imprescindível no ambiente escolar. A afetividade é fundamental nas relações interpessoais, como elucida Crisóstomo (2010):

A relação entre a afetividade e a aprendizagem no âmbito da relação professor–aluno para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento da inteligência emocional e para o processo de avaliação da aprendizagem torna-se relevante devido a afetividade ser um composto fundamental das relações interpessoais que também direcionam a vida na escola. (CRISÓSTOMO, 2010, p. 14)

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa bibliográfica foi possível compreender que a afetividade é mais que um conceito, é algo que faz parte do cotidiano escolar e familiar e tem o papel importante no desenvolvimento da criança, que a acompanha por toda a sua trajetória e que influencia nas suas decisões e o modo de ver o mundo exterior. Contudo, a afetividade não se trata apenas de contato físico, como abraços e beijos, “Ao longo do desenvolvimento, a afetividade vai adquirindo relativa independência dos fatores corporais.” (GALVÃO, 2014, 62).

Assim, conforme discutido nos teóricos apresentados nessa pesquisa, a afetividade tem influência direta no processo de ensino aprendizagem, na medida em que sem esse aspecto, que se trata de um atributo que as crianças possuem consigo, essa necessidade de se sentirem acolhidas e protegidas, a criança tende a se retrair, ou por medo ou vergonha por não ter a confiança necessária devido as suas experiências escolares, o que acaba impedindo o aprendizado do educando

Diante de todas as reflexões e discursões, é notória a sua importância no ambiente acadêmico, pois as interações são imprescindíveis, e as relações fazem parte do nosso cotidiano, e tornar esse vínculo o mais saudável para que haja o respeito mútuo é substancial. Todavia, para que assim o aconteça é necessário o comprometimento do órgão escolar como um todo, para que conheçam o aluno no aspecto afetivo também, uma vez que, é o objetivo da educação infantil.

Art. 29 A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB, 1996)

Assim a escola deve promover ambientes para que o aluno consiga se expressar, levando em consideração suas particularidades, e por este motivo, o professor deve ser atento e ser observador desde o primeiro dia de aula. Desta maneira, foi possível constatar que o docente não tem o papel apenas de passar conhecimento para o aluno, mas como também de prepará-lo para viver em sociedade, e cabe ao docente está preparado para ajudar o menor,

sabendo intervir e se apropriando das oportunidades para proporcionar uma aprendizagem eficaz.

Desse modo, entender a criança e seu desenvolvimento são primordiais para assegurar a instrução eficaz, sendo possível constatar nas fases de desenvolvimento de Wallon (1982), como bem destaca bezerra (2006, pg.21) apud Wallon (1982) “O estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo”. (WALLON, 1982:189).

## REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho, Wallon. O Papel das emoções na constituição do sujeito. Constr. psicopedag. vol.20 no.20 São Paulo, 2012.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Das relações entre educação e psicologia na perspectiva de uma educadora. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 2, Julho/Dezembro de 2012: 341-348.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Versão preliminar. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 26 maio. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRITTO, Ilma; ELIAS, Paula, staats. **Análise comportamental das emoções**. Psicol. Am. Lat. n.16 México jun. 2009.

CRISÓSTOMO. Elayne Lins. Afetividade e suas implicações no processo de ensinoaprendizagem. Fortaleza – Ceará, 2010.

DE VASCONCELOS, A. A. et al. A presença do diálogo na relação professor-aluno. 2005. GALVÃO, I. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 23ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HIRAMA, Elaine Prodócimo. As emoções na Educação Física escolar. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

JESUS, M. R.; NUNES, N. S. L, Nunes. **Manifestações emocionais das crianças na educação infantil**. synthesis Revista Digital FAPAM, Pará de Minas, v.6, n.6, 309-325, dez. 2015.

LA TAILLE, Y. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LIMA, Mayara Lopes De Freitas et al.. **A docência entre a rigidez e a flexibilidade: avaliação dos docentes frente aos saberes necessários à prática educativa.** Anais IV CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2017.

MARIANO, Vanuza Oliveira da Silva. A timidez no processo de ensino-aprendizagem. [s. n], p.1-13, 2016.

MELLO, Tágides; RUBIO, J. D. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013.

RICIOLLI, vitória samaria da silva santos. A relevância da afetividade na educação infantil. o Instituto Federal Goiano. Morrinhos, 2020.

ROCHA, Ronize Peixoto Silva. Almeida. Afetividade e emoção na sala de aula: um diálogo com Henri Wallon. Faculdade Alfredo Nasser. Goiânia, 2011.